

Eleição Presidencial PFL busca rumo próprio e faz reverência a Antonio Carlos

Partido aprova em sua convenção lançamento de candidatura para a Presidência. Até agora, senador baiano é o nome forte da legenda

O PFL aprovou ontem moção do senador José Agripino (RN) de lançar candidatura própria à Presidência da República em 2002. Os líderes do partido, no entanto, dizem que ainda não há um nome escolhido, mas não restam dúvidas de que somente o senador Antonio Carlos Magalhães poderia ser esse nome. Manifestações explícitas ou sutis ratificaram que Antonio Carlos hoje é o próprio símbolo do PFL e que ele é o preferido dos pefelistas.

O senador José Agripino foi um dos que não esconderam a preferência pelo presidente do Congresso. "O Brasil precisa da autoridade e da coragem de Antonio Carlos Magalhães", afirmou, aplaudido

com entusiasmo pelos convencionais. A convenção, na verdade, transformou-se numa cerimônia de reverência a Antonio Carlos. A plateia ovacionou o discurso do senador, aplaudindo de pé por quase um minuto suas palavras, além de repetir o gesto toda vez que seu nome era citado nos discursos dos líderes do partido.

O entusiasmo pefelista apóia-se em pesquisa do Instituto Vox Populi em que o nome do senador aparece em 3º lugar na preferência dos eleitores com 13% de intenções de voto, atrás de Lula e Itamar Franco e à frente do ministro José Serra, que esteve na convenção sentado ao lado de ACM.

Antonio Carlos também viu seu nome realçado com o sucesso da CPI do Judiciário, cuja criação defendeu pessoalmente. A CPI começou trôpega, à sombra das revelações estarrecedoras da CPI dos Bancos, mas adquiriu brilho próprio. Enquanto a CPI dos Bancos ainda patina sem provas de venda de informações do Banco Central, a do Judiciário já elucidou um caso - de desvio de verbas no Tribunal Regional do Trabalho de São

Paulo - e forçou o Tribunal de Contas da União (TCU) a incriminar dois juízes envolvidos. Hoje, com os resultados obtidos, a sociedade brasileira acredita que a CPI era necessária e concorda com a opinião de Antonio Carlos Magalhães.

Com isso, o nome do senador começa a ser ligado à moralização da Justiça e lembrado em todas as esferas da população, pelo que se pode notar nas milhares de denúncias enviadas diretamente ao senador para que a CPI do Judiciário investigue, apesar de ACM não ser um integrante da comissão.

O presidente do partido, Jorge Bornhausen, também elogiou o senador em seu discurso, lembrando a atuação de ACM em momentos decisivos do País e na implantação da reforma do Judiciário. "A sociedade brasileira não se sensibilizava com o tema e a reforma agora vai ser alcançada porque Antonio Carlos Magalhães levantou esta bandeira", destacou, sendo aplaudido.

O presidente do Congresso, no entanto, nega que seu nome venha a ser escolhido. Ao chegar à convenção, disse que não é candidato

nem pretende ser. Mas ressaltou que, "se as bases pedirem", poderá estudar o assunto.

Antonio Carlos Magalhães fez questão, em seu discurso, de dizer que a decisão de lançar candidato próprio à Presidência não tira o apoio do PFL ao Governo, ao qual teceu elogios. "O PFL tem deveres com o presidente Fernando Henrique e seu Governo e o Presidente também tem deveres com o PFL". Na saída, no entanto, o senador lançou dúvidas sobre a continuação do partido na base aliada do Governo. Perguntado se o partido mantém o apoio até o final do mandato, o senador afirmou que "tudo é possível".

O articulador político do Governo e ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, também destacou que a aliança governista pode ser rompida a qualquer momento, mas observou que não é hora disso acontecer. "Nenhuma aliança é eterna, os fatos políticos é que vão dizer. Mas eu diria que hoje não há nada que indique que a aliança vai acabar", avaliou o ministro.